

## Verbos leves com nomes deverbais em português europeu

Inês Duarte\*, Anabela Gonçalves\* e Matilde Miguel\*\*

\*FLUL / Onset-CEL; \*\*FLUL / CLUL

### 1. O problema

Em Jespersen (1909/1949), os verbos que ocorrem em construções como as de (1) são classificados como verbos leves (*light verbs*), no sentido em que são afectados por um processo de esvaziamento semântico que os torna simples portadores das marcas de tempo e concordância<sup>1</sup>.

(1) *have a rest, take a walk, give a shout*

Esta definição não tem sido, no entanto, consensual. Assim, para Hook (1974) e Abeillé, Godard & Sag (1998), os verbos leves são auxiliares com propriedades aspectuais, uma vez que existe apenas um sujeito e não há estrutura de encaixe. Por seu turno, Rosen (1990), Alsina (1996), Butt & Geuder (2001), Butt (2003) e Samek-Lodovici (2003), entre outros, defendem que os verbos leves não são nem elementos meramente funcionais nem auxiliares, e têm um papel relevante na predicação.

Neste trabalho, discutiremos as propostas acima referidas, com base em sequências <Verbo leve – Nome deverbal> com o estatuto de combinações livres, sendo nossos objectivos:

- (i) mostrar que os verbos leves não são nem elementos funcionais nem itens num processo de gramaticalização que possa conduzir à sua auxiliarização;
- (ii) defender que o verbo leve forma um predicado complexo com o nome deverbal, por actuação de operações temáticas pré-sintácticas de que resulta a combinação das respectivas grelhas argumentais;
- (iii) propor uma derivação sintáctica que distinga estas construções daquelas em que ocorre o verbo pleno homófono.

### 2. Os verbos leves não são núcleos funcionais

A ideia de que os verbos leves são núcleos funcionais enfrenta problemas de ordem empírica. De facto, como tem sido referido na literatura e como mostram os exemplos em (2), que envolvem o núcleo funcional *do* do inglês, um núcleo funcional

---

<sup>1</sup> Ver também Gross 1981, Cattell 1984, Grimshaw & Mester 1988.

não selecciona argumentos. Deste modo, operações que, no domínio desse núcleo, afectem argumentos originam sequências agramaticais (cf. (2b,c)):

- (2) a. John saw Peter but Mary did not.  
 b. \* John saw Peter but Mary did not *him*.  
 c. \* John saw Peter and it was *Ann* who Mary did not.

Pelo contrário, o verbo leve pode manter o número de argumentos do verbo pleno, sendo por isso possível operar autonomamente sobre os argumentos internos:

- (3) a. O Pedro deu o livro à Maria.  
 b. Foi *à Maria* que o Pedro deu o livro.  
 c. Foi *o livro* que o Pedro deu à Maria.  
 (4) a. O Pedro deu um empurrão à Maria.  
 b. Foi *à Maria* que o Pedro deu um empurrão.  
 c. Foi *um empurrão* que o Pedro deu à Maria.

Adicionalmente, em contextos em que o verbo leve é homófono de um verbo pleno ditransitivo, a preposição que encabeça o segundo argumento interno é tipicamente a que se encontra especificada na grelha argumental do verbo pleno (cf. (5)). Tal facto indicia que o verbo leve não é um núcleo meramente funcional, uma vez que preserva propriedades idênticas às de um verbo pleno:

- (5) a. A Marta deu uma varredela rápida *ao* chão.  
 b. Gostei da tua varredela *do* chão  
 c. \*/?Gostei da tua varredela *ao* chão

### 3. Os verbos leves não são auxiliares

Do mesmo modo que os verbos leves não se comportam como núcleos funcionais, existem também argumentos que os distinguem dos auxiliares. Em primeiro lugar, os verbos auxiliares não impõem restrições à classe semântica de predicados com que se combinam (cf. (6a) e (7a), ao contrário dos verbos leves (cf. (6b) e (7b)):

- (6) a. O João tem admirado a persistência da Maria.  
 b. \*O João faz uma admiração à persistência da Maria.  
 (*admirar* = estado)  
 (7) a. As bailarinas têm pressionado o director da Gulbenkian.  
 b. As bailarinas fazem pressão sobre o director da Gulbenkian.  
 (*pressionar* = processo)

Em segundo lugar, os verbos auxiliares não impõem restrições sobre o sujeito, que é tematicamente dependente do verbo principal (cf. (8) e (9)), ao contrário dos verbos

leves, que mantêm as propriedades de selecção semântica do verbo principal (cf. (10a,b)), para o verbo leve, e (10c,d), para o verbo principal).

- (8) a. O João tinha caído.  
 b. A casa tinha caído.  
 (9) a. O João caiu.  
 b. A casa caiu.  
 (10) a. O João deu uma queda.  
 b. \*A casa deu uma queda.  
 c. O João deu um livro (à Ana).  
 d. \* A casa deu um livro (à Ana).

A ideia de que os verbos leves são auxiliares porque sofreram, como estes, um processo de gramaticalização não é, ainda, corroborada, por exemplo, por dados do Chinês Mandarim e de línguas indo-europeias como os apresentados em Butt & Lahiri (1998) e Butt (2003), que mostram a estabilidade destes elementos lexicais ao longo de milénios. Compare-se, assim, o exemplo (11), do Sânscrito, com o exemplo (12), do Urdu moderno.

- (11) tato maḥ sikoddiya gata  
 então mosca-voandoir. PartPas  
 “então a mosca voou”  
 (Pañcatantra, 122; *apud* Butt, 2003: 11)

- (12) kabutre ur ga-ye  
 pombo.masc.pl.nom voar ir-Perf.masc.pl  
 “Os pombos voaram.”  
 (Butt, 2003: 11)

#### 4. Propriedades da construção <V leve + N deverbal>

Nesta secção, é nosso objectivo mostrar que o verbo leve e o nome deverbal contribuem ambos com as suas propriedades de selecção para a construção de um predicado complexo. Para tal, apresentamos, de seguida, o conjunto de propriedades que favorece esta análise.

A propriedade da sequência <V leve + N deverbal> mais frequentemente referida na literatura é a possibilidade de a parafrasear pelo verbo principal que constitui a base derivante do nome (cf. (13) e (14)):

- (13) a. O primeiro-ministro fez *um discurso* na ONU.  
 b. O primeiro-ministro *discursou* na ONU.  
 (14) a. O João deu *uma escovadela* ao / no fato.  
 b. O João *escovou* o fato.

Para além disso, como referido na secção 2, o verbo leve preserva a estrutura argumental do verbo principal de que é homófono. Assim, o verbo leve *dar*, em (15b), realiza-se como um predicado de três lugares, como o verbo principal em (15a); por seu turno, o verbo leve *fazer* em (16b) comporta-se como um predicado de dois lugares, como acontece com o verbo principal (cf. (16a)):

- (15) a. O Pedro deu uma gravata ao pai.  
       b. O Pedro deu uma olhadela ao texto.  
 (16) a. O Pedro fez uma casa enorme.  
       b. O Pedro fez um sorriso triste.

A semelhança entre os verbos leves e os principais de que são homófonos é ainda visível no facto de os primeiros preservarem parte do significado dos segundos. Considere-se, a título ilustrativo, o verbo *dar*. Enquanto verbo principal (cf. (17)), *dar* exprime uma mudança de localização da entidade *y*, que estava na posse de *x* e que passou para a posse de *z*, por acção intencional de *x*. Neste caso, existe um controlador, uma mudança de localização e uma transferência<sup>2</sup>.

- (17) O João<sub>x</sub> deu uma gravata<sub>y</sub> ao pai<sub>z</sub>.

A presença de um controlador, *x*, e a ideia de transferência de *x* para *z* são elementos de significado do verbo pleno preservados pelo verbo leve, como se infere de (18):

- (18) O João<sub>x</sub> deu um abraço<sub>y</sub> ao pai<sub>z</sub>.

No que diz respeito à relação entre o verbo leve e o nome derivado com que se combina, verifica-se que o primeiro é sensível à estrutura argumental e à *aktionsart* do segundo. Relativamente ao primeiro ponto, exemplos como os de (19) a (21) mostram que nomes derivados de verbos que requerem um argumento que denote a *fonte* se combinam preferencialmente com os verbos leves *dar* e *fazer*<sup>3</sup>:

- (19) a. O João deu uma *olhadela* ao livro.  
       b. O João fez uma *promessa* à Maria.

<sup>2</sup> Cf., entre outros, Dowty (1979) e Butt & Geuder (2001).

<sup>3</sup> Note-se, no entanto, que, aparentemente é possível combinar o verbo leve *dar* com um nome derivado de um verbo cujo argumento tem o papel temático de Tema:

- (i) a. O João deu uma queda.  
       b. O João caiu.

Esta possibilidade é, no entanto, muito restrita, dado que (i) não se verifica com a generalidade dos nomes derivados de verbos com um sujeito com a função de Tema e (ii) se limita à combinação com *dar* (cf. a agramaticalidade de \**O João fez uma queda*). Uma hipótese que se pode colocar é a de que a expressão *dar uma queda* se encontra num processo de lexicalização, não se tratando, assim, de uma combinação livre como acontece no caso das construções aqui estudadas. Ver ainda Reinhart (2000), para uma explicação baseada na necessidade de ter em consideração os vários traços semânticos associados aos papéis temáticos.

- (20) a. O João deu um *assobio*.  
 b. O João fez um *sorriso* triste.  
 (21) a. \*O João deu um *desmaio* ligeiro.  
 b. \*O João fez um *desmaio* ligeiro.

Pelo contrário, o verbo leve *ter* combina-se preferencialmente com nomes derivados de verbos que não seleccionam argumento *fonte* (cf. (22)). Pode, no entanto, combinar-se com nomes deste tipo se o evento encaixado for um processo culminado e tiver uma leitura de estado resultante. Compare-se, assim, (23), em que a leitura de processo culminado não é obtida, com (24), em que a mesma leitura está disponível.

- (22) a. O João teve um *desmaio* (ligeiro/prolongado).  
 b. \*O João teve uma *promessa* à Maria.  
 (23) a. \*O João teve uma *intervenção* demorada no debate.  
 b. \*A Maria teve uma *arrumadela* ao quarto.  
 (24) a. ?A cidade teve uma destruição total.  
 b. \*A cidade teve uma destruição total em três dias.

Relativamente à *aktionsart* do nome deverbal com que o verbo leve se combina, exemplos como os de (25) a (28) mostram que *dar* e *fazer* se combinam com nomes derivados de predicados que denotam processos (cf. (25)) e processos culminados (cf. (26)), mas não culminações (cf. (27)) ou estados (cf. (28)):

- (25) a. O Pedro deu uma corrida (até casa).  
 b. As bailarinas fizeram um bailado fabuloso.  
 (26) a. A Maria deu uma arrumadela ao quarto.  
 b. Os jornalistas fizeram a transcrição do debate.  
 (27) a. \*O Pedro deu uma chegada / ida ao supermercado.  
 b. \*O João fez uma chegada / ida ao supermercado.  
 (28) a. \*Os fantasmas deram uma estada no castelo do conde.  
 b. \*Os pais da Ana fizeram receio da tempestade.

Por seu turno, o verbo leve *ter* combina-se com nomes derivados de predicados que denotam culminações (cf. (29)) ou estados (cf. (30)), mas não processos (cf. (31)) nem processos culminados (cf. (32)):

- (29) A Ana teve um nascimento atribulado.  
 (30) A Ana tem uma visão clara dos acontecimentos.  
 (31) \*O Pedro teve uma corrida.  
 (32) \*A Maria teve uma arrumadela ao quarto.

Repare-se, ainda, que as propriedades semânticas do objecto directo que contém o nome deverbal (o Tema do verbo leve) contribuem para a *aktionsart* da construção, como acontece com os verbos plenos em (33).

- (33) a. O João comeu gelados durante duas horas.  
           (*comer gelados* = processo; atélico)  
 b. O João comeu o gelado em duas horas.  
           (*comer o gelado* = processo culminado; télico)

Tomemos como exemplo o verbo *correr* e o nome que dele deriva, *corrida*. O contraste entre (34a) e (34b) mostra que este verbo denota tipicamente um processo. No entanto, a combinação do nome *corrida* como o verbo leve *fazer* pode denotar ou um processo (cf. (35a)) ou um processo culminado (cf. (35b)), conforme as propriedades do constituinte de que aquele nome é núcleo.

- (34) a. O João correu durante duas horas.  
       b. \*O João correu em duas horas.  
           (*correr* = processo; atélico)  
 (35) a. O João fez corridas durante duas horas.  
           (*fazer corridas* = processo; atélico)  
       b. O João fez a corrida em duas horas  
           (*fazer a corrida* = processo culminado; télico)

Embora exemplos anteriores nos tenham permitido concluir que o constituinte de que o nome deverbal é núcleo se comporta como um argumento do verbo leve, é interessante notar que este argumento manifesta também propriedades predicativas. Esta ideia é reforçada pelo facto de, em contextos em que o verbo leve tem um verbo pleno ditransitivo correspondente, a preposição que encabeça o segundo argumento interno poder ser a que se encontra especificada na grelha argumental ou do verbo pleno (cf. (5), repetido em (36)) ou do nome (cf. (37))<sup>4</sup>.

- (36) a. A Marta deu uma varredela rápida *ao* chão.  
       b. Gostei da tua varredela *do* chão  
       c. \*/?Gostei da tua varredela *ao* chão  
 (37) a. Os deputados da oposição deram uma contribuição decisiva {*para* o / *ao*} debate.  
       b. Gostei da tua contribuição *para* o debate  
       c. \*Gostei da tua contribuição *ao* debate

As propriedades da construção resultam, assim, da combinação das grelhas argumentais dos dois predicados, o que se torna visível pelo facto de o argumento externo do verbo leve controlar o evento denotado pelo nome deverbal. Compare-se, para este efeito, (38b), em que o controlador do evento denotado pelo nome é o argumento externo do verbo leve, com (39), em que internamente ao domínio nominal se encontra realizado um potencial controlador do evento aí denotado, o que produz sequências agramaticais:

<sup>4</sup> Para dados idênticos do italiano, ver Samek-Lodovici (2003).

- (38) a. *Os deputados da oposição* contribuíram decisivamente para o debate.  
 b. *Os deputados da oposição* deram uma contribuição decisiva ao debate.
- (39) a. \**Os deputados da oposição* deram uma contribuição decisiva do Presidente da Assembleia ao debate.  
 b. \**Os deputados da oposição*, deram uma contribuição decisiva deles / sua ao debate.

Note-se que, quando o evento denotado pelo núcleo nominal tem um controlador, deixamos de estar na presença de uma construção com verbo leve, ou seja, a presença de um constituinte genitivo agentivo associado ao nome força a leitura do verbo como principal e, neste caso, o nome deverbal tem uma leitura de indivíduo (cf. (40)).

- (40) a. Os deputados da oposição deram a *sua* contribuição / a contribuição *deles* para o debate ao Presidente da Assembleia.  
 b. Os deputados da oposição deram a contribuição para o debate do líder da bancada ao Presidente da Assembleia.

Dados como os de (38) a (40) revelam ainda que, contrariamente ao que acontece com a generalidade dos verbos plenos, os verbos leves seleccionam obrigatoriamente Temas cujo núcleo denota eventos, *i.e.*, não admitem Temas que denotem indivíduos. Constituem argumentos empíricos em favor desta afirmação os seguintes factos:

(i) o Tema dos verbos leves admite adjectivos com valor aspectual:

- (41) a. O João fez uma intervenção *interminável* / *rápida* no debate.  
 b. O João deu uma ajuda *permanente* / *pontual* à Cruz Vermelha.  
 c. Kissinger teve uma influência *constante* / *intermitente* / *duradoura* na política externa americana.

(ii) Se os nomes derivam de um verbo com argumento(s) interno(s), é obrigatória a presença do/de um argumento interno desse verbo (cf. (42a))<sup>5</sup>, podendo este, nas condições discursivas adequadas, ser elidido (cf. (42b)):

- (42) a. \*O João fez uma intervenção interminável.  
 b. Assististe ao debate?  
 Não, mas sei que o João fez uma intervenção interminável [-].

Em síntese,

- (i) o verbo leve e o nome deverbal contribuem igualmente para a computação das propriedades da sequência;  
 (ii) o verbo leve mantém as propriedades argumentais e preserva parte do significado do verbo principal de que é homófono;

<sup>5</sup> De acordo com Grimshaw (1990) este é um critério pertinente para o reconhecimento de uma leitura eventiva.

- (iii) o verbo leve é sensível à estrutura argumental e à *aktionsart* do nome deverbal;
- (iv) o DP que contém o nome deverbal é interpretado como argumento interno do verbo leve, preservando, embora, estas últimas propriedades predicativas;
- (v) os verbos leves seleccionam Temas que denotam eventos mas não indivíduos.

Estas propriedades, tomadas em conjunto, permitem-nos concluir que as estruturas argumentais do verbo leve e do nome deverbal devem ser combinadas.

## 5. Operações pré-sintácticas e derivação sintáctica

### 5.1. O processo de composição das estruturas argumentais do verbo leve e do nome deverbal eventivo

Contrariamente ao que tem sido classicamente defendido, assumimos, com Samek-Lodovici (2003), que os argumentos de um predicado são objectos sintácticos que associam uma variável abstracta (não indexada) – variável-*a*(argumental) – a uma estrutura léxico-conceptual<sup>6</sup>. As variáveis argumentais e a estrutura léxico-conceptual são duas vertentes separadas dos argumentos, ou seja, independentemente acessíveis, como se representa em (43):

- (43) a. freeze ( $x(y)$ )  
 b. LCS: CAUSE ( $W_j$ , (BECOME ( $Z_k$ , ICE)))

A interpretação das variáveis argumentais é garantida por um mecanismo de indexação temática, reproduzido em (44):

- (44) a. freeze ( $x_j(y_k)$ )  
 b. LCS: CAUSE ( $W_j$ , (BECOME ( $Z_k$ , ICE)))  
 (Samek-Lodovici 2003: 837)

De acordo com esta concepção, há operações temáticas, pré-sintácticas, que afectam as variáveis-*a* e os índices temáticos (cf. Samek-Lodovici, 2003: 837):<sup>7</sup>

#### (45) Operações temáticas

- (i) *apagamento* de índices – a variável-*a* deixa de ser indexada, o que a torna não interpretável;
- (ii) *transferência* de índices – atribuição a uma variável-*a* não indexada de um índice transferido de outra variável;
- (iii) *supressão* de argumentos – supressão de uma variável-*a* mas não do índice responsável pela sua interpretação

<sup>6</sup> Sobre estrutura léxico-conceptual/argumental, ver ainda Williams (1981), Zubizarreta (1987), Grimshaw (1990), Levin & Rappaport (1995) e Alsina (1996).

<sup>7</sup> Remetemos para Samek-Lodovici (2003) para as diferenças entre a presente análise e a desse autor.



Tendo em conta os comportamentos ilustrados nas secções anteriores, propomos que o verbo leve e o nome deverbal constituam um predicado complexo, resultante da composição das grelhas argumentais dos predicados simples que o constituem. Assim, alargando a proposta de Samek-Lodovici (2003), as operações temáticas envolvidas na formação de predicados complexos do tipo <V leve + N deverbal> em PE são as seguintes:

**(46) Operações temáticas envolvidas na formação do predicado complexo**

- (i) Supressão dos índices temáticos das variáveis-*a* do verbo, com excepção da variável-*a* Tema;
- (ii) Inserção do índice *ev(ento)* na variável-*a* que corresponde ao Tema do verbo leve;
- (iii) Transferência dos índices temáticos do nome para as variáveis-*a* não indexadas do verbo;
- (iv) Em alguns casos, a definir adiante, supressão da variável-*a* do verbo leve sem índice temático para respeitar a Condição de Boa Formação sobre Argumentos.<sup>8</sup>

Dado (46), em contextos em que o verbo leve mantém o número de argumentos do verbo pleno, como em (47), a construção do predicado complexo procede como exemplificado em (48): tomam-se dois predicados independentes, um verbo pleno e um nome deverbal, com as respectivas grelhas argumentais (cf. (48a)); estes dois predicados são combinados de acordo com as operações enunciadas em (46), da forma apresentada em (48b).

(47) Os deputados da oposição deram uma contribuição importante ao debate.

(48) a. *dar* (pleno) *contribuição*  
 $x_i, y_k, z_j$   $\langle w \rangle_i v_j$

**b. Operações temáticas para a formação do predicado complexo**

- (i) Supressão dos índices temáticos das variáveis-*a* de *dar*, com excepção da variável-*a* Tema  
 $x, y_k, z$   $\langle w \rangle_i v_j$
- (ii) Inserção do índice *ev(ento)* na variável-*a* que corresponde ao Tema do verbo  
 $x, y_k/ev, z$   $\langle w \rangle_i v_j$
- (iii) Transferência dos índices temáticos do nome para as variáveis-*a* não indexadas do verbo  
 $x_i, y_k/ev, z_j$   $\langle w \rangle_i v_j$

Deste modo, a sequência *dar uma contribuição* tem uma estrutura argumental complexa, que resulta da combinação das estruturas argumentais dos dois predicados. Repare-se que a variável-*a* com o índice temático *j* é ambigualmente um argumento do verbo e do nome, o que explica propriedades referidas em 4, como o facto de a

<sup>8</sup> A Condição de Boa Formação sobre os Argumentos é definida da seguinte forma: "A well-formed argument consists of one *a*-variable carrying one thematic index." (Samek-Lodovici, 2003: 840).

preposição que encabeça o segundo argumento interno poder ser a que se encontra especificada na grelha argumental ou do verbo pleno ou do nome.

Nos contextos em que o verbo leve não mantém o número de argumentos do verbo pleno, como quando se combina com um nome inergativo (cf. (49)), a composição das grelhas argumentais procede como em (50):

(49) Com o susto, o João deu um salto/grito.

(50) a.  $dar$  (pleno)  $salto$   
 $x_i, y_k, z_j$   $\langle w \rangle_i$

**b. Operações temáticas para a formação do predicado complexo**

(i) Supressão dos índices temáticos de *dar*, com excepção da variável-*a*  
 Tema

$x, y_k, z$   $\langle w \rangle_i$

(ii) Inserção do índice *ev*(ento) na variável-*a* que corresponde ao tema do verbo

$x, y_{k/ev}, z$   $\langle w \rangle_i$

(iii) Transferência dos índices temáticos do nome para as variáveis-*a* não indexadas do verbo

$x_i, y_{k/ev}, z$   $\langle w \rangle_i$

(iv) Supressão da variável-*a* do verbo sem índice temático para respeitar a Condição de Boa Formação sobre Argumentos

$x_i, y_{k/ev}$   $\langle w \rangle_i$

Esta última operação é responsável pela alteração do número de argumentos do verbo leve relativamente ao verbo pleno homófono.

## 5.2. Derivação sintáctica do predicado complexo <V leve-N deverbal>

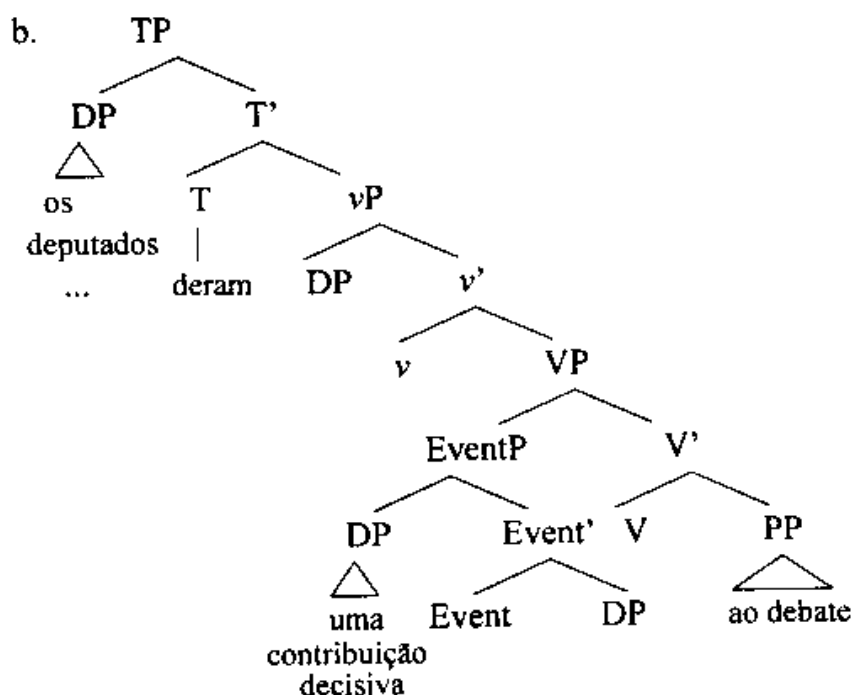
Os comportamentos dos verbos leves ilustrados anteriormente levam-nos a propor que:

- (i) os verbos leves como os principais, projectam  $vP$ ;
- (ii) o verbo leve selecciona como argumento interno directo uma projecção funcional *EventP*, cujo núcleo tem por complemento a projecção encabeçada pelo nome deverbal; a presença da projecção funcional *EventP* justifica-se pelo facto de o nome deverbal nestas construções não ter uma leitura de indivíduo (cf. Brito & Oliveira, 1997).

As propriedades (i) e (ii) do verbo leve determinam que a derivação sintáctica proceda da seguinte forma: o DP encabeçado pelo nome deverbal, complemento de *Ev*, é atraído para *Spec, EventP*, ficando na margem esquerda desta projecção funcional. Nessa posição, o DP em causa encontra-se acessível ao Caso, verificado por *Agree* com *v* quando o verbo leve é atraído para este núcleo funcional.

A derivação sintáctica da frase (51a) é, assim, a apresentada em (51b):

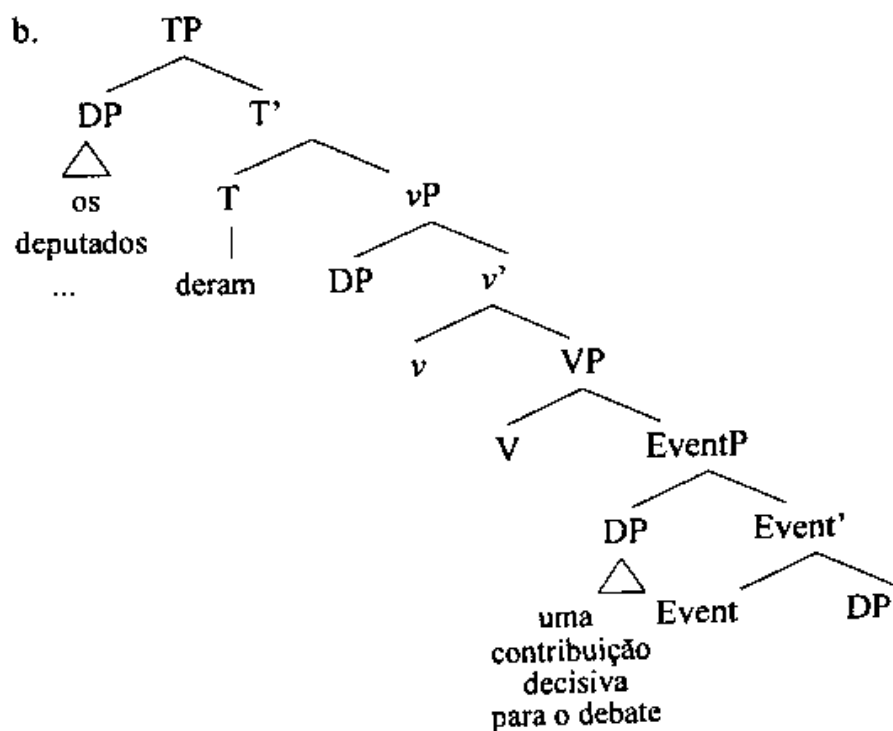
(51) a. Os deputados da oposição deram uma contribuição decisiva ao debate.



Note-se que, antes da derivação sintáctica representada em (51b), tiveram lugar as seguintes operações pré-sintácticas, em conformidade com (46): (i) supressão dos índices temáticos das variáveis-*a* do verbo *dar*; (ii) transferência dos índices das variáveis-*a* do nome para o verbo; (iii) supressão da variável-*a* correspondente ao argumento interno do nome deverbal, com manutenção do seu índice temático.

Por seu turno, à frase (52a) corresponde a derivação sintáctica em (52b):

(52) a. Os deputados da oposição deram uma contribuição decisiva para o debate.



Neste caso, as operações pré-sintáticas envolvidas são: (i) supressão dos índices temáticos das variáveis-*a* do verbo *dar*; (ii) transferência dos índices das variáveis-*a* do nome para o verbo; (iii) supressão da variável-*a* correspondente ao argumento interno *Alvo* do verbo leve, com manutenção do índice temático herdado do nome.

## 6. Conclusões

O comportamento dos verbos leves do PE em sequências <V leve + N deverbais> com o estatuto de combinações livres permite-nos concluir que:

- (i) Os verbos leves não são núcleos funcionais (cf. secção 2).
- (ii) Os verbos leves não são auxiliares (cf. secção 3).
- (iii) As construções com verbos leves são construções de formação de predicados complexos, i.e., em que existe combinação das propriedades léxico-sintáticas de dois predicados lexicais (cf. secção 4).
- (iv) Nas construções aqui analisadas, o verbo leve forma-se a partir do verbo pleno, através de operações temáticas pré-sintáticas de supressão e inserção de índices temáticos nas variáveis-*a* do verbo leve e de transferência dos índices temáticos do nome deverbais para as variáveis-*a* não indexadas do verbo leve (cf. secção 5.1.).
- (v) Como reflexo das propriedades apresentadas, a derivação sintáctica destas construções envolve a existência de um nó funcional *EventP*, cujo núcleo tem como complemento a projecção do nome deverbais (cf. secção 5.2.). Desta forma, dá-se conta, na derivação sintáctica, do facto de o Tema dos verbos leves em análise neste trabalho ter uma leitura de evento e não de indivíduo.

## Referências

- Abeillé, A., D. Godard & I. Sag (1998) Two kinds of composition in French complex predicates. In E. Hinrichs, A. Kathol & T. Nakazawa (orgs.) *Complex Predicates in Nonderivational Syntax. Syntax and Semantics* 30. San Diego: Academic Press. <http://lingo.stanford.edu/sag/publications.html>
- Alsina, A. (1996) *The role of argument structure in grammar*. Stanford, Califórnia: CSLI Publications.
- Baptista, J. (1997) *Sermão, tarefa e facada*. Uma classificação das construções conversas *dar-levar*. *Seminários de Linguística* 1, pp. 5-37.
- Borer, H. (1999-2001). The forming, the formation and the form of nominals. <http://www-rcf.usc.edu/~borer/>
- Brito, A. & F. Oliveira (1997) Nominalization, Aspect and argument structure. In G. Matos, M. Miguel, I. Duarte & I. Faria (orgs.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 57-80.
- Butt, M. (1995) *The structure of complex predicates*. Stanford, Califórnia: CSLI Publications.
- Butt, M. (2003) The light verb jungle. In *Harvard Working Papers in Linguistics* 9, pp. 1-49.

- Butt, M. & W. Geuder (2001) On the (semi)lexical status of light verbs. In N. Corver & H. van Riemsdijk (orgs.) *Semi-lexical categories: On the content of function words and the function of content words*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 323-370.
- Butt, M. & A. Lahiri (1998) The status of light verbs in historical change. <http://www.ling.uni.Konstanz.de/pages/home/butt/>
- Cattell, R. (1984) Composite Predicates in English. In *Syntax and Semantics* 17. Sydney: Academic Press.
- Chacoto, L. (2005). *O Verbo fazer em Construções Nominais Predicativas*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Algarve.
- Chomsky, N. (2001) Derivation by phase. In M. Kenstowicz (org.) *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: MIT Press, pp.1-52.
- Davidson, D. (1965) Theories of meaning and learnable languages. In Y. Barhliel (org.) *Logic, methodology and philosophy of science*. Amsterdam: North Holland, pp. 383-394.
- Davidson, D. (1967) The Logical Form of action sentences. In N. Rechter (org.) *The logic of decision and action*. Pittsburg: University Press, pp. 81-120.
- Dowty, D. (1979) *Word meaning and Montague Grammar: The semantic of verbs and times in Generative Semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht: Reidel.
- Duarte, I. (2003) Verbos Leves. In M. H. Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 311-314.
- Giry-Schneider, J. (1984) Le verbe causatif dans ses constructions. *Lexique-Grammaire des Langues Romanes. Linguisticae Investigationes*, Suplementa, 9, pp. 91-128.
- Giry-Schneider, J. (1986) Les noms construits avec *faire*: Compléments ou prédicats?. *Langue Française* 69, pp. 49-63.
- Gonçalves, A. (2002) The causee in the *faire-inf* construction of European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (2), pp. 197-214.
- Grimshaw, J. (1990) *Argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Grimshaw, J. & A. Mester (1988) Light verbs and  $\theta$ -marking. *Linguistic Inquiry* 19 (2), pp. 205-232.
- Gross, M. (1981) Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages* 63, pp. 7-52.
- Hook, P. E. (1974) *The compound verb in Hindi*. Center for South and Southeast Asian Studies, University of Michigan.
- Jespersen, O. (1909/1949) *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Londres: George Allen & Unwin; Copenhaga: Ejnar Munksgaard.
- Levin, B. & M. Rappaport Hovav (1995) *Unaccusativity at the Syntax-Lexical Semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Miguel, M. (2004) *A estrutura do Sintagma Nominal em Português Europeu: Posições de Sujeito*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Picallo, C. (1991) *Funcions dobles: Tres estudis de Sintaxi catalana*. Dissertação de doutoramento, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Ranchhod, E. (1990) *Sintaxe dos predicados nominais com estar*. Lisboa: CLUL-INIC.
- Rappaport, M. & B. Levin (1986) What to do with theta roles. *Lexicon Project Working Paper 11*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Reinhart, T. (2000) *The theta-system: syntactic realization of verbal concepts*. OTS Working Papers in Linguistics.
- Rosen, S. (1990). *Argument structure and complex predicates*. Nova Iorque: Garland.

- Saito, M. & H. Hoshi (2000) The Japanese light verb construction and the Minimalist Program. In R. Martin, D. Michaels & J. Uriagereka (orgs.) *Step by Step*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 261-295.
- Samek-Lodovici, V. (2003) The internal structure of arguments and its role in complex predicate formation. *Natural Language & Linguistic Theory* 21, pp. 835-881.
- Tenny, C. & J. Pustejovsky (2000) A history of events in Linguistic Theory. In C. Tenny & J. Pustejovsky (orgs.). *Events as grammatical objects: The converging perspectives of Lexical Semantics and Syntax*. Stanford: CSLI Publications.
- Verkuyl, H. (1993) *A theory of aspectuality. The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: CUP.
- Williams, E. (1981) Argument structure and Morphology. *The Linguistic Review* 1, pp. 81-114.
- Zubizarreta, M. L. (1987) *Levels of Representation in the Lexicon and in the Syntax*. Dordrecht: Foris.